



**SAWYER, M. James.** *Uma Introdução à Teologia. Das questões preliminares, da vocação e do labor teológico.* Trad.: Estevan F. Kirschner. São Paulo: Vida, 2009, 710 p.

### Claus Schwambach<sup>3</sup>

O presente livro de Sawyer – contendo nada menos que 710 páginas! –, muito bem traduzido do inglês por Estevan Kirschner, representa, em diversas de suas partes, o preenchimento de uma certa lacuna na literatura existente em língua portuguesa. Pessoalmente, leciono a disciplina de “Introdução à Teologia” evangélica há, pelo menos, 9 anos. E a literatura clássica consistia na famosa introdução de Karl Barth e, em anos recentes, no livro “Para que serve teologia”, de A. Fernando Roldán, que inclusive já alcançou uma segunda edição, além de outras contribuições. Nesse cenário, entretanto, o lançamento da obra de Sawyer, em português, representa um novo marco na literatura disponível para essa área da teologia – ao menos no que tange a teologia evangélica, haja vista que a teologia católica romana possui diversas introduções à teologia muito bem elaboradas. O avanço obtido com o lançamento do livro de Sawyer reside no fato de este abordar o assunto de forma abrangente, no horizonte amplo dos múltiplos desenvolvimentos teológicos, filosóficos, hermenêuticos da história dos últimos 3 séculos. Assim que tomamos conhecimento do livro publicado pela Editora Vida, logo o encomendamos e já utilizamos em nossas atividades docentes. Sem perder a necessária profundidade, mas mantendo, de certa forma, uma linguagem acessível, o autor vai conduzindo o leitor para dentro das questões introdutórias da teologia. Chama a atenção que ele menciona as diferentes tradições teológicas do protestantismo, sem perdê-las do horizonte ao longo da abordagem. E chama a atenção também que ele rastreia com muita propriedade os desenvolvimentos histórico-filosóficos e hermenêuticos da Modernidade e da

---

3 Informações sobre o autor podem ser encontradas no início do artigo sobre “Justificação por graça e fé”.

Pós-modernidade, que se encontram subjacentes aos diversos temas. Dessa forma, ele vai conduzindo, mesmo e justamente o iniciante, seja o estudante de teologia ou o membro interessado de uma igreja cristã, para dentro de assuntos complexos, sem perder de todo a simplicidade. Obviamente a leitura é um desafio, mas um desafio que convida o leitor a superá-lo, conquistando um novo patamar em seus conhecimentos. De antemão já é possível afirmar que as academias não poderão prescindir dessa obra em suas bibliotecas.

Quanto à estrutura, o livro está construído em torno de 3 grandes partes:

1. Sobre ser teólogo; 2. Sistemas Teológicos; 3. Pessoas e termos importantes.

Na primeira parte – que é a mais interessante para quem leciona a disciplina de “Introdução à Teologia”, por exemplo – são tratados diversos temas relativos ao ser e ao fazer teológicos. No capítulo 2 – “A natureza contraditória do trabalho do teólogo” – o autor aborda assuntos como os modelos de teologia (teologia como *ciência*, *sapientia* e *orthopraxis*), a relação entre teologia e fé, o que é heresia, a relação entre teologia e tradição eclesiástico-teológica da cristandade, o conceito de pesquisa teológica – incluindo a dimensão da tarefa analítica e crítica – questões relativas às fontes da teologia (revelação geral e específica), uma introdução ao tema dos “paradigmas”, a relação entre cosmovisão e encarnação e, por fim, questões relativas à contextualização do evangelho. Chama a atenção que o autor sempre de novo apresenta a posição “evangelical” quanto aos assuntos em pauta.

No capítulo 3 desta primeira parte, o tema gira em torno da pergunta: “Como obtemos conhecimento? Epistemologia, história e verdade”. Aqui o leitor é introduzido em questões complexas da epistemologia, tais quais se desenvolveram na história recente. O autor aborda, em especial, questões que despontaram com a época da Renascença, como a “morte do mundo do senso comum”, o “entendimento moderno de verdade e de realidade”, “Descartes e o projeto do Iluminismo”, questões relativas ao empirismo de John Locke, ao ceticismo de David Hume e ao fenomenalismo de Immanuel Kant. O autor aborda, além disso, os princípios epistemológicos de Thomas Reid, o existencialismo de Kierkegaard, sempre mostrando de que forma a Modernidade ocidental tentou construir sua filosofia e até sua teologia dentro de um quadro de referenciais que o autor denomina de um “projeto *livre de fé*” (p. 97), que admite apenas o conhecimento tido como certo. O autor aborda a ascensão do pós-modernismo e suas implicações, aponta para os problemas do “dogmatismo da dúvida”, da “arte do saber” e do “relativismo”.

Trabalha, em seguida, a questão do “pré-entendimento” e sua relação com as formulações teológicas. Parte, na sequência, para uma abordagem do “problema da história” e para a pergunta, “como a história e a verdade se relacionam” (p. 109ss). Finaliza, discorrendo sobre “teologia como verdade” e perguntando, “até que ponto nossa verdade é verdadeira” (p. 113ss). Este capítulo, que vai da pág. 77 a 117, é, sem dúvida, de imensa relevância para auxiliar o estudante e o leitor de hoje a compreenderem premissas fundamentais para todo e qualquer trabalho e pesquisa teológicos hoje. Quase diríamos: era uma abordagem mais profunda de tais itens que faltava em nossas “introduções à teologia”.

No capítulo 4, o autor trata do tema clássico das “fontes e da autoridade na teologia” (p. 119ss). Num primeiro momento, ele apresenta o quadrilátero de Wesley e o trilátero luterano. Descreve, em seguida, as fontes e autoridades da teologia: a Bíblia, a igreja e/ou a tradição, a razão e/ou a experiência. Aborda, então, os “fatores envolvidos na forma da doutrina, com enfoque para as dimensões da subestrutura epistemológica de toda construção doutrinária. Por fim, aprofunda a temática das autoridades na teologia, falando de revelação especial (Bíblia) e geral, e dentro desta última, pontuando questões como: - a sabedoria e a literatura sapiencial; - a capacidade humana de descobrir a verdade; - tensões entre decadência e capacidade; - compreensão de realidade.

O capítulo 5 (p. 157ss) trata da “classificação doutrinária” e a pergunta se todas doutrinas terão a mesma importância. O autor aborda aqui os componentes da doutrina (teologia) e a necessidade de estabelecer uma classificação doutrinária (dogmática). O cap. 6 (p. 193ss) recebeu o título: “O enrijecimento das categorias: por que os teólogos se opõe à ‘nova informação’?”. O autor trata de diversas questões que foram despontando a partir da troca de paradigmas e a dificuldade que a teologia tem de lidar com os avanços do conhecimento que surgem ao longo da história. O capítulo 7 apresenta as “divisões do estudo teológico”. O autor subdivide o capítulo em “teologia bíblica”, “teologia histórica”, “teologia sistemática” e “teologia moderna” (impulso liberal, escola mediadora, teologia reformada, neo-ortodoxia, teólogos do séc. XX). Sentimos aqui falta de uma abordagem mais ampla da “teologia prática” por parte do autor, que está muito bem ancorada na tradição teológica europeia, por exemplo. Aliás, de forma geral, percebe-se a hegemonia da teologia sistemática na teologia, ao menos na concepção do autor. Estes seriam, quem sabe, alguns dos raros pontos fracos da obra.

Na verdade, para uma obra que pretende ser uma “introdução à teologia”, o livro poderia parar por aqui. No entanto, como a obra vai muito além de uma mera introdução, o autor aborda, na parte 2 (p. 261-517), os “sistemas teológicos”, apresentando-os em seus traços fundamentais. Os assuntos dessa parte são abordados, via de regra, nas faculdades teológicas e seminários, em disciplinas da área da história da igreja e da teologia e da dogmática. A forma de apresentação auxilia o leitor a desenvolver suas percepções quanto às diferenças doutrinárias das diversas tradições teológicas. O autor trabalha as seguintes tradições – ou sistemas teológicos: Ortodoxia, Catolicismo romano, Luteranismo, Teologia reformada (Calvinismo), Teologia wesleyana-arminiana, Dispensacionalismo, Liberalismo, Neo-ortodoxia e Teologia da Libertação. Trata-se de um excelente “mapa” conceitual, que auxilia o leitor a localizar-se no mar de concepções teológicas que há hoje. Além disso, o fato de o autor contemplar essas diferentes tradições, torna sua obra convidativa para o estudo sob um ponto de vista de diversas denominações cristãs e sob um ponto de vista ecumênico. Os sistemas teológicos não caracterizam apenas denominações, mas podem ser vistos, em parte, como grandezas transconfessionais, razão pela qual vale a pena o trabalho de conhecê-las no conjunto.

A terceira e última parte (p. 519-637) contém uma série de esboços biográficos de teólogos e filósofos que são importantes para o estudo da teologia, além de apresentar um breve dicionário de termos teológicos e filosóficos. Trata-se de uma pequena fonte de consulta e pesquisa, que pode ser bastante útil no estudo da teologia.

Se formos arriscar um balanço geral dessa obra, só podemos afirmar que é muito bem-vinda às nossas academias e prateleiras, pois em sua amplitude e profundidade certamente preenche um espaço que ainda não havia sido ocupado com tal propriedade por obras similares dessa área do conhecimento. O autor possui amplos conhecimentos históricos, hermenêuticos e filosóficos e desenha o papel da teologia dentro de tal quadro de referenciais. Ele assume uma posição evangelical e, ainda assim, descreve da melhor forma possível as diferentes correntes do pensamento teológico evangélico. Uma obra mais do que recomendável!